

# Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade

LEONOR SEGURADO FALÉ BALANCHO (\*)

Desde o final do século XIX que o conceito de paternidade e a sua vivência concreta têm sido alvo de reflexões e debates. No entanto, só desde o início dos anos setenta os estudiosos investiram intensamente na temática, construindo teorias, especulando, mas sobretudo investigando, de formas progressivamente mais abrangentes e prolíferas (Lamb, 2000). Nos anos oitenta e noventa os estudos dedicaram-se essencialmente à identificação e caracterização de eventuais mudanças nos comportamentos e atitudes do pai na relação com os filhos e na vida familiar – em *interface* com as mudanças no papel desempenhado pelas mães, o crescimento das famílias de duas carreiras, a consequente educação da prole em instituições exteriores à família e os impactes dos novos formatos de família (Le Camus, 1995; Lamb, 1997, 2000). Os avanços da biologia da reprodução provocaram igualmente novos olhares sobre as dimensões biológica, social e psicológica da paternidade (Belo & Macedo, 1996; Sullerot, 1993). Estudar o papel do pai na actual sociedade ocidental transformou-se, assim, numa tarefa só entendível através de uma perspectiva

inter e multidisciplinar, onde a psicologia e a educação, a lei e a jurisprudência, a sociologia e a biologia genética têm assento.

Apesar dos acentuados investimentos teóricos e empíricos de todas estas ciências e domínios e das suas reflexões e implicações conjuntas e parcelares, a dúvida paira hoje sobre se as mudanças são insignificantes, superficiais e mínimas, sem impacte real, ou se há de facto mudanças no papel do pai, oscilando-se entre um discurso académico dominante e um discurso social inovador e abrangente (Le Camus, 1997; Coney & Mackey, 1998; Lamb, 1992).

Com efeito, foram já muitos os autores que assumiram que as mudanças estruturais na família e na sociedade impuseram inevitáveis mudanças e trouxeram “um novo pai” (Belo & Macedo, 1996; Gottman & DeClaire, 1997). Contudo, não existe consonância nesta perspectiva, e são inúmeras as dúvidas quanto à existência de diferenças reais e concretas, quantitativas e qualitativas, nos seus comportamentos enquanto progenitores (Cherlin, 1998).

A visão de um possível “pai reconstruído” é entendida por alguns como não mais do que uma esperança do mundo ocidental e industrializado – quer dos grupos científicos e dos activistas sociais, quer das próprias mulheres desejosas em partilhar uma função que as sobrecarrega – e bem longe de uma realidade objectiva (Sullerot,

---

(\*) Universidade Lusíada e Escola Superior de Educação João de Deus.

1993). Para esses autores, o fenómeno a que assistimos é o da “nova mulher”, entendendo que após a entrada no mundo do trabalho na década de sessenta, com uma sobrecarga de tarefas conseqüente à acumulação das responsabilidades domésticas, e ao ver-se mãe só – por escolha biológica, imposição ou divórcio – a mulher desejou, idealizou e tentou construir um novo parceiro, transformado nas suas funções familiares, e mais apoiante e interveniente na educação dos filhos.

Descrentes num pai transformado, muitos defendem mesmo que, nos últimos anos, em vez de se tornar mais próximo dos filhos e envolvido na sua vida e formação, foi sendo excluído e foi-se excluindo do papel de educador, em consequência do divórcio ou das situações de “gravidez sem pai” – sejam as provenientes da fertilização *in vitro* ou as inerentes aos casos de mães solteiras, cada vez mais frequentes nas actuais sociedades ocidentalizadas (Amato, 1994, 1998; Gotman & DeClaire, 1997).

Mantém-se a certeza de que, ainda que possam ter acontecido algumas mudanças discretas no papel do pai nas últimas duas décadas, quando comparado com a mãe ele continua a ter uma função de menor envolvimento na socialização das suas crianças, nas tarefas diárias que dizem respeito, não só à sua educação, quanto à sua sobrevivência. Por todas estas razões, os pais foram já largamente conotados de forma negativa: como inacessíveis, insensíveis, inadequados, incompetentes e inconsistentes na percepção descritiva de que desfrutam, nas expectativas que criam e no comportamento que desempenham (Belsky, 1984; Mackey, 1985).

Neste debate surgiram ainda aqueles que consideram que a ausência ou a presença de diferenças entre o pai das últimas gerações está essencialmente dependente das metodologias e opções de investigação utilizadas, que impedem as adequadas comparações (Lamb, 1998).

Com toda esta rede entrelaçada de posicionamentos e vivências, é certo que muitos pais ainda se vêem como tendo meramente um papel de suporte e apoio na educação dos filhos (Kelley, 1997; Kelley et al., 1998), não se vislumbrando como actores principais na formação da prole. Ser soldado e ama de crianças pode ainda surgir no imaginário masculino como uma contradição

insustentável, mais do que como duas formas complementares de ser homem (Mackey, 1985).

Os dados empíricos mais recentes parecem indicar, no entanto, a complementaridade das funções, comportamentos e atitudes de pai e mãe, justificando a importância central de ambos no processo de desenvolvimento dos filhos e a sua especificidade funcional (Lamb, 1997). A percepção subjectiva que os pais actuais têm da sua função – a par da mãe e da sociedade em geral – é claramente determinante do seu comportamento e atitudes (Fthenakis & Kalicki, 1999; Smetana, 1994). Em consequência, e a nosso ver, a comparação dessas percepções com a concepção e o entendimento que a anterior geração teve sobre essa função pode ajudar a compreender se há evolução e transformação, e em que sentido caminha.

Face a estes pressupostos, foi realizada uma investigação que pretendeu caracterizar as percepções relativas aos significados, funções e valorações inerentes à actual paternidade, na sociedade portuguesa e num grupo social e económico específico, comparativamente com as significados, funções e valorações dos seus ascendentes e dos seus descendentes. A partir dessas percepções avaliou-se como cada um vê, vivencia, experimenta, experimentou ou imagina experimentalmente o papel desempenhado pelo pai, para depois se identificarem e particularizarem eventuais mudanças nessas percepções e vivências ao longo das últimas quatro décadas.

#### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foi realizada uma investigação de tipo qualitativo, de estilo fenomenográfico (Marton & Booth, 1997; Richardson, 1999).

Conhecer a variação na consciência sobre o mundo e na forma de entender a experiência, através das representações pessoais e colectivas dos fenómenos, tem sido um dos principais objectivos da fenomenografia (Kroksmark, 1987, cit. in Marton & Booth, 1997). Ela usa-se de processos analíticos que se tentam afastar de algumas das críticas feitas às metodologias qualitativas e associa a busca da compreensão profunda da experiência com o rigor científico (Richardson, op. cit.). É uma abordagem apoiada empiricamente, que tem como intenção identificar as

formas qualitativamente diferentes com que as pessoas entendem, conceptualizam, e vivenciam as suas experiências. A perspectiva é assim interior, de dentro daquele que a experimenta. Não se estuda o fenómeno como ele é, mas sim como ele parece a quem o vê ou vive, pelo que não faz sentido ter uma atitude crítica ou céptica relativamente à perspectiva que dele tem o sujeito avaliado. Este descreve o que pensa, e essa descrição é aceite no seu valor factual, dado que expressa o seu conhecimento e o sentido que ele dá às acções pessoais ou sociais (Bligh, 1993, cit. in Richardson, 1999). O que está em jogo não é descrever o mundo, mas sim descobrir a perspectiva das pessoas sobre esse mundo. É por isso uma abordagem à investigação com características relacionais, experienciais, conceptuais e orientada para os conteúdos (Marton, 1986). O presente estudo, assim realizado de acordo com a fenomenografia, é eminentemente exploratório, com um formato de análise de casos múltiplos e de investigação não experimental. O objectivo e o *design* são, como referimos, descritivos (Sprenkle & Moon, 1996).

A entrevista semi-directiva foi o instrumento de excelência escolhido, pela análise indutiva de discurso que possibilita. Como referia Richardson (1999, p. 14) «o que é necessário é uma abordagem reflexiva que leva em linha de conta a relação social entre investigadores e os seus informantes, e a natureza construída da entrevista de investigação (...) chamada por Bourdieu objectivação participante.»

As entrevistas variam no grau de estrutura e formalidade, e incluem um leque de perguntas que pode ser classificado num contínuo de sensibilidade (Gay, 1996). Num dos extremos do contínuo, e de acordo com o instrumento desenvolvido expressamente para este trabalho, temos questões de natureza factual e caracterial, do tipo «Quantos filhos tem»; no outro extremo do contínuo estão questões que lidam com práticas («O que gosta mais de fazer com o seu filho?») e com valores, sentimentos, crenças, opiniões («Sente que foi um bom Pai?» ou «Porque é que o Pai é importante?»).

Após a construção das entrevistas, que dependeram da compreensão e conhecimento da literatura sobre o tema da paternidade, foram feitas seis entrevistas-teste (duas a pais, duas a avós e duas a crianças) que permitiram, pela prática e

em discussão com psicólogos treinados, reformular e aperfeiçoar o fraseado ou a linguagem.

Foram finalmente concluídas as versões finais das três entrevistas semi-estruturadas: uma para aplicar a pais, outra a avós e outra para aplicar às crianças. A dos pais e dos avós é quase coincidente, com pequenas diferenças que se prendem com a centração no presente ou simultaneamente no presente e no passado. Globalmente, a entrevista das crianças era simplificada na formulação de algumas das questões, colocando menos desdobramentos ou usando uma linguagem mais fácil, e omitia uma questão (relativa a eventuais diferenças entre passado e presente), tendo no entanto outra em substituição (questionando sobre o futuro). Por estas razões, nos dados agora aqui em análise apenas analisaremos questões apresentadas aos pais e aos avós.

As entrevistas aos pais e avós focalizaram-se sobre a percepção destes dois grupos relativamente às características da paternidade em termos (a) da sua caracterização; (b) da interacção, formato comunicacional e tarefas educativas realizadas pelo pai no dia a dia; (c) das emoções associadas à paternidade e relevância que lhe é atribuída; (d) da presença e responsabilidade na interacção com os filhos; (e) da identificação das actividades de prazer no processo relacional pais-filhos; (f) da comparação da paternidade com as funções da maternidade; (g) da comparação do entendimento e concretização da paternidade na actual geração e na anterior.

Relativamente à amostra de avós, era nossa expectativa encontrar um grupo recém-aposentado (dado o leque etário dos filhos e o facto dos netos se encontrarem ainda na segunda infância), com uma capacidade de elaboração em redor das questões que fosse adequada ao tempo disponível e aos anos em que a reflexão, sobre a vida e o passado é, pressupostamente, já uma constante do pensamento.

As entrevistas tiveram lugar, na sua maioria, nas escolas donde provinham as crianças, mas muitas foram realizadas nas casas ou empregos dos entrevistados, em particular no caso dos avós e de alguns pais mais arredados da instituição escolar frequentada pelos seus filhos. Todas foram realizadas pela autora deste trabalho, que possui treino específico em procedimentos de investigação e já participou, como entrevistadora,

noutros estudos qualitativos. Foram todas gravadas em áudio com autorização do entrevistado.

Cada entrevista feita a adultos, pais ou avós, durou em média cerca de uma hora e meia.

Nas entrevistas realizadas identificámos seis grandes temáticas categoriais, surgidas a partir das respostas às questões colocadas: (1) conceito de pai; (2) prazer de ser pai; (3) satisfação com a percepção do pai; (4) importância da paternidade; (5) definição das funções de pai e de mãe e (6) diferenças e semelhanças entre duas gerações de pais. No presente artigo apresentam-se os dados específicos a este último ponto. As questões de entrevista respectivas colocadas foram as seguintes:

*Guião de pais (2.ª geração):*

– «Acha que o seu pai foi um pai diferente daquilo que o senhor é hoje ou foi semelhante? Se foi diferente, qual a diferença? A que a atribui?»

*Guião de pais (1.ª geração):*

– «Acha que o seu filho é um pai diferente daquilo que o senhor foi ou é semelhante? Se é diferente, qual a diferença? A que a atribui?»

#### CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

A amostra incluiu doze pais nascidos entre 1958 e 1967, doze pais nascidos entre 1919 e 1934 e doze crianças (7 rapazes e 5 raparigas) nascidas entre 1990 e 1994. Ao longo do estudo e da apresentação dos resultados referir-nos-emos à amostra de avós como a 1.ª Geração, à dos pais como 2.ª Geração e à das crianças como 3.ª Geração, para facilitar a diferenciação entre as sub-amostras.

Tratou-se de uma amostra com critérios pré-definidos. Muitas das investigações em ciências humanas apoiam-se em amostragens de sujeitos “propositadas” ou “teóricas” (Newfield et al., 1996). Há uma intencionalidade apriorística que leva à selecção daqueles que se pretendem estudar, pelo que se definem critérios, mais ou menos objectivos e claros, ou listas de atributos que a amostra tem de possuir (LeCompte & Preissle, 1994). E orientou-se pelas seguintes directrizes: família nuclear intacta, avô presente e disponível e filhos a frequentarem o 1.º ciclo de escolari-

dade. As famílias eram oriundas de um extracto social médio alto e a amostra foi construída a partir dos alunos de escolas privadas da região da grande Lisboa.

A determinação do envolvimento de sujeitos oriundos deste tipo de escolas facilitava a homogeneização da população do ponto de vista das idades e dos níveis socio-económicos. Partimos do pressuposto que os pais das famílias de classe média-alta são por excelência indivíduos com vidas profissionalmente bem sucedidas, e portanto intensas e absorventes, com tudo o que isso implica relativamente ao tempo para dedicar à família. Tolson (1977) defende que aquilo que distingue os homens da classe trabalhadora e da classe média são os tipos de masculinidade possíveis quando um homem ganha uma jorna *versus* um salário, trabalha pelo relógio em vez de trabalhar por marcação de reuniões, tem insegurança laboral e medo de se acidentar em vez de segurança no trabalho. Diz ainda que há um tipo diferente de homem e de masculinidade que advém da vida profissional em corredores com escritórios ou salas pessoais de trabalho, reuniões, telefones, nomes na porta, comparada com a masculinidade surgida das relações de fraternidade a comer o almoço em qualquer canto da fábrica ou do estar confinado a espaços pequenos, desagradáveis e comunitários. É seu entendimento, ainda, que os homens de classe média estão mais isolados que os da classe baixa, mais enredados em lutas individuais para o sucesso e têm, eventualmente, um trabalho mais envolvente, em termos de tempo e de identidade pessoal. Afirma Seidler (1994) que a criação e manutenção de uma carreira de sucesso nos homens da classe média e alta exige deles que a sua personalidade, carácter e competências sociais, juntamente com conhecimento e experiência, sejam postas a soldo no mercado de trabalho, e trocadas por tensões, *stress* e exaustão. É igualmente sua opinião que os homens da classe trabalhadora se podem tornar mais patriarcais e autoritários para fazer contraponto a uma experiência profissional em que são subordinados e destituídos de poder. A necessidade de dominar é assim concretizada em casa, na família, a qual pode ser experimentada como um fardo caso a única obrigação do homem seja sustentá-la, justificando assim a sua inevitável imersão no mundo do trabalho.

Em contrapartida, o mesmo autor considera que os homens de classe média e alta tendem a ser mais poderosos na vida profissional, o que lhes permite ser, pelo menos em teoria, mais igualitários na vida familiar e envolverem-se em posturas de partilha de tarefas e, portanto, de poder. Acedem assim a uma concepção da relação conjugal como uma parceria, mas precisam das ajudas da esposa ou companheira dentro da família para conseguirem manter o elevado e desgastante nível de actividade profissional.

A haver veracidade nestes entendimentos, os homens da 2.<sup>a</sup> geração que entrevistámos poderão ter uma forma de perceber a paternidade, e de a compatibilizar com a sua masculinidade, bem diferente daquela que obteríamos se tivéssemos escolhido estudar pais de classe socio-económica desfavorecida.

Da mesma forma se antecipou que, na sequência da feminilização do mercado de trabalho, as mães da classe social média-alta teriam, tal como os homens da amostra, carreiras profissionais de sucesso e, em consequência, seriam igualmente envolvidas de forma absorvente na vida profissional. Estes dois factores – o de família com dupla carreira e o sucesso e extensa participação em actividades profissionais fora da família – pareceram-nos indicar condições interessantes para analisar as eventuais mudanças dos papéis dos pais. O facto de, como veremos, nalgumas dessas famílias a geração anterior ter vivido com um desafogo socio-económico muitíssimo inferior ao da actual geração, poderia auxiliar-nos a entender uma possível evolução de papéis e funções associadas a grandes alterações do comportamento e da presença do pai e da mãe na família.

De acordo com Lamb e colaboradores (Lamb, Hwang, Ketterlinus & Fracasso, 2001) poucas investigações têm explorado as características das relações pais-filhos envolvendo crianças entre os 6 e os 12 anos de idade. Os estudos existentes com crianças destas idades preocuparam-se mais, até ao momento, em perceber as influências de colegas, professores e instituições educativas no ajustamento e desenvolvimento infantil. Mesmo no caso de estudos com pais de crianças nestas idades, o aprofundamento tem sido em redor da influência dos progenitores masculinos no desempenho dos filhos e na motivação para esse desempenho, ou ainda na comparação dos

impactes de pais e colegas no comportamento das crianças (Lamb, 2000). Tal não espelha a importância dos pais neste período da vida, que em nada diminuiu nem se reduziu, em comparação com anteriores ou posteriores momentos do desenvolvimento. Se bem que os colegas se tornem mais importantes à medida que a criança avança para a adolescência, os pais não perdem a sua relevância: o seu papel transfigura-se mas não enfraquece. Ainda, a segunda infância é uma etapa da vida marcada por um importantíssimo factor: a entrada na escolaridade formal obrigatória. Este factor traz consigo o abrir de um conjunto de áreas de socialização, estimulação e apoio a nível intelectual, o acesso a uma nova área da linguagem (a escrita), e o desejo de sucesso escolar, que colocam à família exigências e posturas diferenciadas das até aí vividas. Estas particularidades e desafios colocam-se mesmo que as crianças já tivessem estado em instituições pré-escolares, e portanto a experiência da introdução no mundo social já tivesse acontecido antes. Por estas razões, a amostra deste estudo centra-se na faixa etária entre os seis e os dez anos, em crianças do primeiro ciclo do ensino básico, pretendendo colmatar com materiais empíricos um interessante momento do desenvolvimento que não tem sido explorado na relação privilegiada com o pai.

O facto de termos escolhido avós ainda presentes e mais ou menos intervenientes na vida de filhos e netos foi igualmente um factor a ter em conta para nos permitir as percepções das três gerações diferentes. Avaliar avós desgarrados, sem o cuidado de fazerem parte do mesmo sistema familiar dos filhos, pareceu-nos poder vir a empobrecer uma caracterização que se desejava enquadrada contextualmente. Finalmente, foram excluídas da amostra as famílias de pais separados, tendo-se estudado apenas agregados familiares em que ambos o pai e a mãe co-habitavam com os filhos. Ficámos assim com pais que são, pelo menos em teoria, diariamente presentes na vida da sua prole.

## RESULTADOS

As categorias base de análise relativas às respostas encontradas para as questões referidas, dividem-se em duas – a caracterização do pai do

passado e a caracterização do pai do presente – e cada uma delas se subdivide em subcategorias: o pai do passado em nove e o pai do presente em sete. Algumas dessas subdivisões são coincidentes nas duas categorias, outras não.

Começemos por reflectir sobre como o nosso pai actual (2.<sup>a</sup> geração) caracteriza o nosso pai do passado (correspondendo, por isso, à representação que ele tem do pai de 1.<sup>a</sup> geração, a partir da experiência que teve com o seu próprio pai).

Verifica-se que as subcategorias mais frequentemente referidas (83.3%) e com um claro número de ocorrências superior (17) são, com resultados equitativos, a característica da prepotência/imposição de autoridade, e a da ausência na vida dos filhos. Os resultados estão de acordo com a percepção social do pai da anterior geração, não envolvido directamente com as crianças (esse papel era da mãe) e fazendo valer da sua autoridade de chefe de família (Pleck, 1997). Diz um pai: «Havia uma grande distância com o meu pai... não me lembro de o ver presente.»

Também relevantes como subcategorias, com 66.7% de sujeitos a mencionarem-nas, são as características da distância emocional e da acção disciplinadora. Ambas completam o quadro anteriormente feito em relação às subcategorias mais salientes, pois um pai autoritário tende a ter como função importante disciplinar, definir e impor regras e limites, e um pai ausente da vida dos filhos será um pai emocionalmente distante. A falta de presença física traz como marca a falta de intimidade e proximidade afectiva. Dizia um pai: «Ele (o meu pai) não aceitava ceder, era uma espécie de patriarca.»

A subcategoria que surge como oposta da referida ausência é a presença na vida dos filhos, a qual tem um resultado mediano (50%), indicando que, se bem que a larga maioria considere o pai do passado arredado da vida dos filhos (10 pais), há seis pais que acham que ele era uma figura presente. Referia a propósito um pai: «Ele conseguia estar presente, estava lá nos momentos cruciais.»

Tentando dar sentido a um aparente paradoxo, podemos concluir que na cabeça de alguns pais ambas as descrições, num misto de ausência e presença, são passíveis de coexistirem.

As subcategorias menos referidas, nesta ca-

racterização do pai do passado feita pelo pai do presente são, com igualdade de resultados (16.7%), o ser compreensivo/dialogante e o ser descontraído/lúdico. Nestas duas dimensões o número de ocorrências é muito baixo (2). Esta caracterização é assim feita pela negativa, indiciando aquilo que o pai do passado não foi, e complementa-se com os resultados da subcategoria intitulada não compreensivo/não dialogante, que tem apenas 33.3% de sujeitos a referi-la. Afirmava um pai: «Eu senti falta de diálogo.» Ou outro: «O meu pai nem deixava discutir ou opinar sobre as situações.»

Analisemos agora aquilo que os pais do passado pensam dos pais do passado. Presumimos que estes sujeitos, aqui intitulados avós, irão falar da representação que possuem para caracterizar a sua forma de actuar, como pais, quando os seus filhos eram pequenos, eventualmente generalizando para a concepção e percepção colectiva do pai da anterior geração.

Aqui os dados mostram que o aspecto mais saliente (com 75%) é o da prepotência, confirmando o que os pais haviam dito. Refere um avô: «Eu era mais autoritário do que o meu filho é.»

Em seguida surge como caracterizador o facto de ser um disciplinador (66.7%), aspecto que surgira igualmente importante junto dos pais de 2.<sup>a</sup> geração. Os avós dão menos relevância que os pais, nesta caracterização, à ausência na vida dos filhos (58.3%), pondo ao mesmo nível e com a mesma percentagem deste aspecto descritivo, o facto do pai do passado não ser compreensivo/não dialogante e de ser emocionalmente distante. Atentemos nesta afirmação de um avô: «Não tinha jeito para meiguices nem mariquices dessas. Hoje o meu filho é todo melado com o meu neto.» Referia outro: «Eu era mais distante e mais duro com os meus filhos do que ele (o meu filho) é com os dele.»

Com os resultados mais baixos encontramos o ser compreensivo/dialogante, o ser descontraído/lúdico e o ser inflexível/acomodado (todos com 16.7%). De uma maneira geral, portanto, há coincidência nas imagens de pais e avós sobre o pai do passado, à excepção deste último aspecto, considerado relativamente caracterizador do pai do passado, aos olhos do pai do presente, mas que, para os avós, não se enquadra na percepção que têm da paternidade da anterior geração.

A análise global da categoria, com os dados

de avós e pais, evidencia a prepotência/imposição de autoridade, a ausência da vida dos filhos, a função disciplinadora e a distância emocional, por esta mesma ordem, como os aspectos mais relevantes do pai do passado (respectivamente 79.2% , 70.8%, 66.7% e 62.5%).

Ao atendermos à caracterização do pai do presente, no olhar do próprio pai de 2.<sup>a</sup> geração que estudámos, damos conta de que o aspecto que aparece como mais importante é a sua capacidade de ser compreensivo/dialogante (83.3%), seguido de estar presente na vida dos filhos (75.0%) e de, em paridade, partilhar o poder conquistando a autoridade, e ser descontraído e lúdico (66.7%). Oíçamos alguns pais, a este propósito: «Ao fim de semana não perco nem um bocadinho para brincar com eles»; «Eles (os filhos) só nos respeitam se os soubermos respeitar. Se fossemos autoritários, eles tinham medo de nós. Essa não é a maneira certa de educar.»

De forma geral, tende a ser a antítese do pai do passado, já que a autoridade que exerce não é imposta mas suave e discretamente conseguida, é uma figura viva no dia a dia dos filhos em vez de estar distanciado dessa vida, e tem a capacidade de compreender e dialogar em vez de disciplinar cegamente, e de se descontrair e brincar com os filhos, em vez de se manter distante para reinar na sua posição de força.

Os avós apresentam resultados muito semelhantes aos dos pais, quando caracterizam o pai da actualidade. Assim, consideram como o seu aspecto mais saliente que seja compreensivo/dialogante (83.3%, dados iguais aos dos pais), achando que ele é um ser presente na vida dos filhos (66.7%). Diz um avô: «Eles têm muito maior comunicação.» Refere outro: «Agora já têm mais abertura para falar de outros temas.» Enquanto os pais haviam feito sobressair, em seguida a estes dois aspectos mais relevantes, a partilha do poder/conquista da autoridade e a capacidade de descontrair/ser lúdico, os avós salientam, ao invés, um outro aspecto: a sensibilidade/expressão afectiva (58,3%). É interessante como os avós sublinham esta área da capacidade afectiva e expressiva, que é uma característica que não surge, nem pela positiva, nem pela negativa, na caracterização do pai do passado. Diz um avô: «Os pais de hoje não têm vergonha de dar mimos. O meu filho farta-se de dizer ao João (neto) que gosta dele.»

Globalmente, o ser compreensivo/dialogante (83.3%) e o estar presente na vida dos filhos (70.8%) são as características mais marcantes percebidas no nosso pai de 2.<sup>a</sup> geração.

## CONCLUSÕES

Os papéis que os pais desempenham na vida dos filhos mudaram nas últimas décadas nalguns parâmetros (Hwang & Lamb, 2002). Os estudos qualitativos e quantitativos assim o têm indiciado (Fthenakis & Kalicki, 1999). Os pais contemporâneos (especialmente aqueles com crianças pequenas) têm de si mesmos a percepção de possuírem uma maior responsabilidade pelo cuidado diário dos filhos, e a evidência empírica demonstra que passam mais tempo com eles do que passavam os pais de gerações anteriores (Lamb, 1997; Pleck, 1997). Ainda que muitos refiram que a quantidade de tempo investido pelos pais nas actividades relativas à paternidade não aumentou substancialmente, mas apenas de forma discreta e modesta, há indicadores de uma maior flexibilidade nos tipos de actividades em que os pais se envolvem com os filhos (Lamb, 1997). As respostas às nossas entrevistas, na comparação entre gerações quanto à definição de funções entre pai e mãe, e tendo em atenção as especificidades da nossa amostra, sustentam estes dados.

De acordo com a literatura, apesar da evidência consistente de modestos aumentos nos níveis de envolvimento, não é ainda clara a consistência generalizada dessa mudança, nem o seu alargamento a todas as culturas e níveis socio-económicos e culturais. Segundo os resultados aqui apresentados, os pais e os avós da nossa amostra apoiam a visão de mudança; na representação que têm do pai consideram que há uma clara transformação na forma de definir, conceptualizar e descrever o pai das duas últimas gerações. Ainda que o tempo de envolvimento ou o grau de responsabilidade com os filhos não tenha sido avaliado neste trabalho, a perspectiva e concepção de todos os entrevistados é de que há uma mudança qualitativa, e que essa mudança é no sentido daquele a que aqui chamámos o pai actual ser percebido como mais sensível, mais presente, mais próximo afectivamente e mais compreensivo, ou seja, indiciando uma mudança para melhor.

Muitas das diferenças intergeracionais encontradas entre os pais nos poucos estudos realizados foram interpretadas, sobretudo, como diferenças atribuíveis a factores culturais e subculturais. No entanto, as características individuais dos pais parecem dever ser uma justificação tão aceitável quanto aquela para explicar essas diferenças. Assim, tal como refere Lamb (1986, p. 6) «muitos homens estabelecem objectivos que dependem das memórias da sua infância, escolhendo, ora compensar as deficiências dos seus próprios pais, ora emulá-las».

Para melhor entendermos o próprio conceito de mudança, podemos falar de famílias “tradicionalistas” – nas quais os pais estão empregados a tempo inteiro e as mães, com ou sem carreira profissional, são quem trata inequivocamente dos cuidados primários dos filhos, e de famílias com “partilha educativa” – nas quais os pais dividem, ou assumem na totalidade, a responsabilidade pelo cuidado diário dos filhos. Há alguns indicadores pessimistas de que as primeiras tendem a manter o formato ao longo do tempo, enquanto as segundas tendem a progressivamente caminhar para um formato mais tradicional (Radin, 1994). As divisões não tradicionais da responsabilidade educativa parecem assim ser menos estáveis no tempo que as tradicionais, facto confirmado por Hwang e Lamb (2002), que justificam este facto: segundo os seus dados empíricos, o envolvimento parental é uma dimensão relativamente estável, excepto quando os pais estão envolvidos de forma intensa por razões que não as suas preferências pessoais e que, portanto, estão fora do seu controlo. Na nossa amostra, os pais que referimos como actuais, ou de 2.<sup>a</sup> geração, mostram perceberem-se como tendo escolhido intencionalmente, ou desejar ser, pais mais presentes e envolvidos, o que nos poderá fazer supor que esta mudança virá a indiciar alterações nas práticas, quanto mais não seja porque auto-motivada. Evidentemente que as mudanças associadas com o próprio processo de desenvolvimento e maturação dos filhos tem igualmente um peso importante nas mudanças ao longo do tempo, dado que as necessidades das crianças, em termos de atenção e cuidados, tendem a diminuir à medida que eles se independentizam.

A existência de diferenças nas representações entre os valores e as práticas dos avós e dos pais da nossa amostra vai efectivamente de encontro

a uma visão de mudança. Se não pudermos falar com certeza, ainda, de mudança de prática, podemos mais seguramente falar de mudanças de crenças e expectativas, e de representações sobre o pai (Smetana, 1994). Os pais da nossa amostra parecem ter sido tocados e expostos, ou construído, novos entendimentos, actualizados e reformulados, sobre o papel do pai. A socialização dos avós já ocorreu há cerca de sessenta anos, tendo eles mesmos sido influenciados pelos pais que tiveram. Terão mudado menos em relação a esses modelos do que os seus filhos mudaram agora em relação a eles? Relembremos que as mudanças sociais, familiares, culturais, o claro acesso à educação e os conhecimentos acessíveis ao grande público sobre psicologia infantil podem ser alguns dos factores justificativos das diferenças intergeracionais na representação do pai. As próprias expectativas individuais sobre o papel de pai podem ter a força de profecias que se auto-realizam, carregando consigo implicações importantes para o desenvolvimento e a mudança pessoal (Nsamenang & Lamb, 1995).

Este estudo tem naturalmente algumas limitações. Uma primeira prende-se com a metodologia de avaliação que se baseia em informação retrospectiva. Ainda que em si mesma ela possa ser criticável por permitir enviesamentos de informação consequentes ao esquecimento e à reconstrução, ao longo do tempo, das memórias, neste caso ela está ainda apoiada em situações vividas actualmente pelos sujeitos. Com efeito, quando aos nossos pais de 2.<sup>a</sup> geração se pede que reflectam sobre a sua experiência enquanto filhos, eles vão lembrar o passado, mas fazem-no no contexto do presente, já que os seus próprios pais ainda são vivos e portanto eles ainda convivem com a experiência de serem filhos. Quando aos avós (os nossos pais de 1.<sup>a</sup> geração) se lhes pede que analisem a sua experiência enquanto pais, eles irão buscar as suas imagens da altura em que os filhos eram pequenos, mas tendo presente a sua função e relação na actualidade, uma vez que estes pais continuam ainda hoje, mesmo que diferentemente, a ser pais. Para a comparação intergeracional que pretendemos atingir, esta metodologia de inquérito com um pendor retrospectivo pareceu-nos ser a mais adequada, e ter mais vantagens que dificuldades. Uma segunda limitação tem a ver com a dimensão da amostra. No entanto, uma investigação

qualitativa e fenomenográfica como a presente, deve ser entendida como um estudo de caso, ilustrativo e inspirador de percepções e representações, mais do que de caracterização representativa de uma população ou de práticas.

Finalmente, poderemos considerar que a amostra, ao provir de pais voluntários e portanto intrinsecamente motivados, à partida, para o tema da paternidade, que se dispuseram a falar sobre a sua experiência e concepções, particularizou as respostas obtidas, trazendo-nos a reflexão de homens que já dão suficiente importância à sua paternidade para se disponibilizarem para um estudo deste tipo. Este factor, contrariando algumas raras situações empíricas em que os sujeitos são por alguma razão obrigados a participar no estudo, é no entanto uma quase necessidade a que é difícil fugir.

Em termos futuros, cremos que poderá vir a ser interessante analisar se em amostras oriundas de níveis socio-culturais diferentes, bem como de outras etnias e envolvendo pais, crianças e avós encontrando-se noutras faixas etárias, confirmarão os dados aqui obtidos. A integração das percepções da população feminina sobre o fenómeno da eventual transformação da paternidade, poderá ainda ser uma mais valia para trazer luz sobre esta tão pertinente e actual temática.

#### REFERÊNCIAS

- Amato, P. R. (1994). Father-child relations, mother-child relations and offspring psychological well-being in early adulthood. *Journal of Marriage and the Family*, 56, 1031-1042.
- Amato, P. R. (1998). Men in families. In A. Booth & A. C. Crouter (Eds.), *More than money? Men's contributions to their children's lives* (pp. 241-278). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Balancho, L. F. (2003). *Ser pai, hoje*. Lisboa: Editorial Presença.
- Belo, J., & Macedo, M. (1996). Ascensão e queda do poder do Pai: O novo pai emergente. In *Actas do 1.º Colóquio de Psicologia Social Clínica* (pp. 89-99). Lisboa: ISPA.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55, 83-96.
- Cherlin, A. J. (1998). Men in families. In A. Booth, & A. C. Crouter (Eds.), *On the flexibility of fatherhood* (pp. 41-51). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Coney, N., & Mackey, W. C. (1998). Motivations toward fathering: Two minority profiles within the majority's context. *The Journal of Men's Studies*, 6 (2), 169-188.
- Fthenakis, W., & Kalicki, B. (1999). Subjective conceptions of fatherhood: An expanded approach. Paper presented at the IXth European Conference on Developmental Psychology, Spetses, September.
- Gay, L. R. (1996). *Educational research: competencies for analysis and application* (5.ª ed.). New Jersey: Englewood Cliffs.
- Gottman, J., & DeClaire, J. (1997). *Los mejores padres: Como desarrollar la inteligencia emocional de sus hijos*. Argentina: Javier Vergara Editor.
- Hwang, C. P., & Lamb, M. (2002). Father involvement in Sweden: A longitudinal study of its stability and correlates. *International Journal of Developmental Psychology*, 32, 391-416.
- Kelley, M. L. (1997). The division of family work among low-income african-americans. *Journal of African American Men*, 3, 87-102.
- Kelley, M. L., Smith, T., Green, A., Berndt, A., & Rogers, M. (1998). Importance of father's parenting to african-american toddler's social and cognitive development. *Infant Behavior & Development*, 21 (4), 733-744.
- Lamb, M. E. (1986). The changing roles of fathers. In M. E. Lamb (Ed.), *The father's role: applied perspectives* (pp. 3-27). New York: Wiley.
- Lamb, M. E. (1992). O papel do pai em mudança. *Análise Psicológica*, 10 (1), 19-34.
- Lamb, M. E. (1997). *The role of the father in child development* (3.ª ed.). New York: Wiley.
- Lamb, M. E. (2000). Fathering. In *Encyclopedia of Psychology* (Vol. 3, pp. 338-341). Oxford: American Psychological Association.
- Lamb, M. E., Hwang C. P., Ketterlinus, P. D., & Fraccaso, M. P. (2001). Parent-child relationships: Developments in the context of the family. In M. H. Bornstein, & M. E. Lamb (Eds.), *Developmental psychology: An advanced textbook*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Le Camus, J. (1995). *Pères et bébés*. Paris: L'Harmattan.
- Le Camus, J. (1997). Dossier sur le rôle du père (présentation). *Enfance*, 3, 325-336.
- LeCompte, M. D., & Preissle, J. (1994). *Ethnography and qualitative design in educational research* (2.ª ed.). New York: Academic Press.
- Mackey, W. C. (1985). *Fathering behaviors: The dynamics of the man-child bond*. New York: Plenum.
- Marton, F., & Booth, S. (1997). *Learning and awareness*. New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Newfield, N., Sells, S. P., Smith, E. T., Newfield, S., & Newfield, F. (1996). Ethnographic research methods. In D. H. Sprenkle, & S. M. Moon (Eds.), *Research methods in family therapy* (Vol. 2, pp. 25-63). New York: Guilford Press.

- Nsamemang, A., & Lamb, M. (1993). Acquisition of socio-cognitive competence by NSO children in the bamenda GR assfields of northwest cameroon. *International Journal of Behavioral Development*, 16, 429-441.
- Pleck, J. H. (1997). Paternal involvement: levels, sources, and consequences. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 66-103). New York: Wiley.
- Radin, N. (1994). Primary-caregiving fathers in intact families. In A. E. Gottfried, & A. W. Gottfried (Eds.), *Redefining families: Implications for children's development* (pp. 11-54). New York: Plenum.
- Richardson, J. T. (1999). The concept and methods of phenomenographic research. *Review of Educational Research*, 69 (1), 11-23.
- Smetana, J. (Ed.) (1994). *Beliefs about parenting*. San Francisco: Jossey Bass.
- Seidler, V. (1994). *Unreasonable men: masculinity and social theory*. London: Routledge.
- Sullerot, E. (1993). *El nuevo padre: Um padre distinto para el mundo moderno*. Barcelona: Ediciones B.
- Tolson, A. (1977). *The Limits of Masculinity*. London: Tavistock.

#### RESUMO

O estudo psicológico da paternidade e dos seus impactos em pais e filhos ganhou uma incidência internacional crescente desde os anos setenta. A concepção de mudança associada à forma de concretizar a paternidade nas últimas gerações tem sido polémica, com estudos demonstrando mudanças nalgumas das dimensões da relação pai-filhos, e outros indiciando que os novos formatos de família, muito em particular a separação e divórcio, e o excesso de horas laborais, vieram afastar o pai – mais do que aproximar – da

educação dos filhos. Perante a ausência, em Portugal, de investigações neste domínio, o estudo aqui apresentado, realizado com uma amostra de pais, avós e filhos, foi avaliar a eventual transformação das percepções subjectivas relativas ao papel do pai no decurso de três gerações. As conclusões vão no sentido de estarmos perante um conjunto de percepções que apontam para a concepção de um pai renovado, indiciando uma base estrutural cognitiva que venha a poder ser suporte de novas expectativas e práticas na relação do pai com a prole.

*Palavras-chave:* Paternidade, mudança, intergeracional, percepção.

#### ABSTRACT

The psychological study of parenthood and its impact on children have grown significantly since the 70's. The idea of change in the father – child relationship in the last generations has been under scrutiny by researchers, with some data confirming transformations in some dimensions of that relationship, and other infirming that the father is more intervenient or present in the child's life, mainly due to separation and divorce and excessive work hours. These particular situations have been responsible, some say, for the separation between father and children. In Portugal, we have no studies whatsoever on the topic. Accordingly, this article presents part of a research involving fathers, grandfathers and children, studying their subjective perceptions on the concept of fathering along three generations. Conclusions highlight subjective perceptions of a renewed father, sustaining possible tendencies for shifts in expectancies and practices in the traditional role of the father.

*Key words:* Fatherhood, change, generations, perceptions.